

AS CRIANÇAS NA FAMÍLIA MBYA GUARANI

Autores

ROSA, Maria Heloisa Martins da

¹Graduanda em Antropologia Social mariaheloisam@gmail.com UFPEL

MACHADO, Priscila Evely

²Graduanda em Antropologia Social priscilaevely@gmail.com UFPEL

BASTOS, Otília Molon

³Graduanda em Antropologia Social mallonotilia@yahoo.com UFPEL

Orientador (a)

RIETH, Flavia

Professora do Bacharelado em Antropologia riethuf@uol.com.br

(UFPEL)

1 INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa é uma primeira experiência na prática de campo para varias disciplinas, aqui especificamente para a disciplina Família e parentesco do curso de Bacharelado em Antropologia. Começamos procurando uma família indígena em Pelotas, ou na região próxima. Obtivemos essas informações através de órgãos públicos. O primeiro órgão onde buscamos por tais informações foi a UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) através de um email enviado ao setor de serviço social da instituição o CECANE Sul. Por este email recebemos dois números de telefones do departamento de alimentação e nutrição da prefeitura municipal de Pelotas. O segundo órgão público foi Igreja Católica, na pessoa do padre Armindo Capone. Nossa proposta inicial foi registrar suas expressões culturais e forma de obtenção de renda e relações com a sociedade envolvente e desta forma apreender informações da cultura da etnia em questão. O resultado dessa busca foi a indicação de uma família Mbya Guarani. Essa família Mbya Guarani reside em Pelotas na zona rural a 7 km da colônia Maciel, no local conhecido popularmente como morro Farroupilha pelos pesquisadores e pela família indígena que reside no local este é conhecido como Tekoa Kapiovis.

Nossa pesquisa visa relacionar as dimensões do trabalho e a posição da criança na vida cotidiana de uma família Mbya Guarani. Busca-se comparar e entender as diferenças destas dimensões em relação à sociedade envolvente e qual o papel da criança dentro de uma família indígena. Na bibliografia estudada sobre os Guarani, como a de Egon Schaden (1974:70) chega a classificar “como quase nula a cultura infantil guarani”, as crianças aparecem como inculcadas,

prontas a aprender e aceitar as normas de comportamento aprovadas pela tradição, sem consciência própria. Nosso trabalho propõe relativizar esta perspectiva.

A temporalidade dedicada ao trabalho na cultura Mbya Guarani também é muito diferenciada e a mãe Guarani não se separa da prole para exercer seu trabalho. Daí a constatação da criança já se inserir e aprender a necessidade e o porquê do trabalho naturalmente, grosso modo falando desde o seu nascimento.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Nossa pesquisa etnográfica para obter essas informações foi realizada em dias alternados de maio à julho de 2010, durante as visitas que fizemos e com a convivência com essa família no seu local de trabalho no centro comercial de Pelotas e em sua Tekoa (esse termo significa aldeia ou lugar ideal para morar, segundo a cultura Guarani) que se localiza na zona rural da cidade. Realizamos também entrevistas semi-estruturadas com o padre Luis Capone da Igreja Católica na colônia Maciel e com sua secretária dona Maria Silva de Oliveira Dias. Entrevistamos também o Sr Lorenzo, o pai da família Guarani, sua esposa dona Santa que fala muito pouco a nossa língua, mas é muito receptiva quando sente que trata-se de “gente de bem” (expressão muito usada por eles quando sente empatia por alguém), além da prole do casal. São quatro meninas e dois meninos e relacionamos os nomes em ordem decrescente com seus respectivos nomes em Mbya Guarani: Vicente (16 anos), “Karaí” Márcia (de 13) “luá”, Denílson (12 anos) “Quarai” Catia (6 anos) “Querethu” Isabel (4 anos) “Mirim” e a pequenina Bianca (de um ano e meio) que ainda não recebeu o nome Mbya.

Fizemos uso de gravadores no qual gravamos além das conversas, os cantarolarem das pequeninas que ficavam todo o tempo fazendo sons em nossa volta para após as gravações escutarem e se divertirem com suas vozes. Gravamos também uma canção que Vicente compôs e segundo ele é para seu deus “Ñhanderu” e disse também ser o mesmo deus dos “brancos”. Utilizamos máquinas fotográficas para registrar os momentos de integração cultural e seu Lorenzo pediu que revelássemos algumas para eles exporem em sua Tekoa e as demais que os “amigos brancos” guardassem em sua casa. Para anotações locais e após em nossas casas utilizamos um diário de campo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O primeiro encontro com a família indígena especificamente com a família Mbya Guarani, (Tronco lingüístico Jê, como eles se auto reconhecem), aconteceu no seu local de trabalho, calçada de Pelotas. Após fomos no local onde moram na zona rural da cidade, especificamente na colônia Maciel.

Segundo Berger, a criança passa por duas etapas de socialização: a primária; primeira socialização que o indivíduo experimenta a infância, e em virtude da qual se torna membro da sociedade. A secundária é qualquer processo

subseqüente que introduz o individuo já socializado em novos setores do mundo objetivo a sua volta (Berger e Luckman, 1987:175).

Se antes as crianças eram atores sociais no sentido de atuarem em um papel, agora elas são no sentido de atuarem na sociedade, por criarem estes espaços enquanto vivem nesta sociedade.

No entanto, a idéia de infância que nosso trabalho apresenta diz que essa etapa da vida humana pode ser diferente para grupos determinados, quando ele acaba é natural que também aconteça de forma diferente em cada cultura.

No caso das crianças Mbya estudadas, o filho mais velho passou pelo período de preparação para a vida adulta, com ritos próprios dos guarani. Cito o caso do menino que recebe um ornamento introduzido através de um furo no lábio inferior quando está em determinada faixa etária que para a sociedade ocidental corresponderia aos 16 anos. Ele está no que podemos chamar de período de margem, onde não se é criança, mas também não se é adulto.

As crianças são atuantes na constituição de suas relações sociais, ou seja, elas interagem ativamente com os adultos e outras crianças. Tratando das crianças Mbya elas não somente aprendem, mas atuam também na sua formação.

Notamos que as meninas não gostam de brincar com bonecas, mas sim com bichinhos. Levamos uma porção de brinquedos inclusive miniaturas de animais semelhantes aos que seus pais confeccionam artesanalmente. Elas foram diretamente nestes. Outro ponto relevante remete a temporalidade dedicada ao trabalho que se coloca completamente diferente em relação a sociedade envolvente, nesta as horas trabalhadas correspondem ao dobro da sociedades tradicionais aqui a Guarani. Eles não se preocupam em produzir excedentes, mas o necessário para viverem sem acumular coisas. Não existe desperdício de tempo e de produção. Exemplificando: As mães cidadinas inseridas no mercado de trabalho, em relação as guarani nas aldeias, em que o trabalho é executado in loco. Impõem para começar uma diferenciação muito grande. Na cidade coloca-se a necessidade de assistência, saúde e nutrição, tendo claro a ausência materna, esta tarefa é legada a outrem. Com a mãe Mbya a criança esta sempre consigo, pois seu trabalho é no seu próprio habitat. E as crianças guarani participam e aprendem a participar deste trabalho desde muito cedo.

Aqui na cidade de Pelotas os dados da secretaria de educação constam matriculados na escola Anita Garibaldi da colônia Maciel, apenas dois jovens de etnia declarada indígena, os irmãos Vicente e Denílson (dados de 04/2010) da família que reside na Tekoa Kapiovis da nossa pesquisa.

O pai desta família guarani que estamos fazendo esta etnografia, colocou-nos varias vezes que seus filhos não estariam freqüentando a escola porque não existia professora que falasse sua língua. Esse episódio causou segundo Lorenzo, pai de dos meninos uma profunda tristeza em seu filho Vicente, pois, ele gostaria de aprender mais para poder compor letras mais bonitas para suas musicas.

4 CONCLUSÕES

A luz que este trabalho lançou em nossas análises etnográficas é a importância de compreender a cosmologia Guarani, para então entender o sentido das ações que as crianças realizam.

Notamos que essa família mesmo estando aparentemente limitada por não ter além da família nuclear, outros membros de sua parentela na mesma Tekoa, talvez até por causa disso anseiam por uma educação para seus pequenos em que sua cosmologia o “modo de ser” continue presente e negociando com a cultura do “branco”. Essa limitação ou distanciamento da família o fato de estarem longe de outros Mbya os fazem temerem a perda de sua cultura por parte das crianças, como diz “Carrara” elas aprendem também com seus pares, atualizando o que lhe é ensinado.

Finalmente o que nos saltou aos olhos foram as diferenças que as crianças são percebidas dentro do contexto familiar Guarani. O oposto das crianças da sociedade envolvente, na qual os pequerruchos são seres brincantes em que a grande maioria dos adultos vivem pensando em entretenimentos diferenciados para não causar-lhes angustias. Na cultura Mbya Guarani grosso modo falando os pequenos já nascem aprendendo a trabalhar e a buscar suas necessidades com seus pais. A construção social Mbya Guarani referente a educação das crianças é muito diferente da sociedade “complexa”.

5 REFERÊNCIAS

BERGMAM, P.L e LUCKMANN, T.A **Construção social da realidade. Petrópolis, Vozes ,1987.**

COEHN, Clarice. **Antropologia da criança.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ed.2005

FERREIRA, Mariana K.L. **Guarani catam comida e latinhas no lixão de Mongaguá.** Últimas notícias. Boletim on line do Instituto Socioambiental, WWW, socioambiental.org. br,julho/agosto de 1999.

CARRARA, Eduardo. Nomes. **Tsi te wara:Um vôo sobre o cerrado Xavante.** 1997. (Dissertação Mestrado em antropologia 1997) – Universidade de São Paulo, 1997.

SCHADEN, Egon. **Aspectos fundamentais da cultura Guarani.** São Paulo: Pedagógica/USP,1974.